

Plêiões Presidencial A guerra da sucessão

Luiz Adolfo Pinheiro

Diretor de Redação

A exemplo da sucessão presidencial, também já começou a guerra política pelo Palácio do Buriti. E, pelos lances iniciais, parece que vai ser pior do que a famosa briga de foice no escuro, da qual todos ouvimos falar mas ninguém viu.

A batalha sucessória do Distrito Federal está aí, à vista de todos. Se colocada sob o prisma de genialidade de um Gabriel Garcia Marques, os fatos já ocorridos e alguns personagens desse espetáculo dariam uma história típica de realismo fantástico da América Latina. Se não, vejamos.

De repente aparece um jovem simples do interior goiano que ganha a simpatia e a confiança do governador e se torna seu secretário particular. Sem mais nem menos, aparece uma pilha de gravações de conversas telefônicas do referido garoto que, ouvidas por quem de direito, se transforma em peça acusatória de gigantesco escândalo. O secretário é afastado, abre-se inquérito que, até agora, só apurou uma história parecida com aquela contada por Shakespeare:

— *It's a tale told by an idiot, full of sound and fury and signifying nothing...* (Uma novela contada por um idiota, cheia de som e de fúria, mas que não significa nada...)

Mais adiante descobrem, com algum atraso, que o governador do DF é um homem rico. E, como está em moda o **neomacartismo**, em nome da moralidade, e o **denuncianismo**, em nome da liberdade de imprensa, desconfia-se que essa fortuna **tem** de ir para o Tribunal da Nova Inquisição, vale dizer, para a CPI do Orçamento do Congresso Nacional.

Lá na frente um maluco resolve acusar o ministro da Justiça de sonegação fiscal. Acolá, cristaliza-se a crença de que **tem** de haver alguma coisa errada com o Metrô, obra que, desde o início, esteve (e ainda está) sob o foco permanente da opinião pública, do Legislativo local, dos órgãos federais, do Congresso, enfim, de todo mundo. Enquanto o carioca sabe pouco do Metrô do Rio e o paulistano menos ainda sobre o de São Paulo, o brasileiro, ao contrário, está de olho nas obras e nos contratos desde que a história começou.

Na bruxaria que os corruptos, de um lado, e os Torquemadas, de outro, transformaram o País, todo mundo é suspeito de alguma coisa ilícita, como na Rússia de Stalin. E quando esse alguém é político de voto e de prestígio, como é o caso de Joaquim Roriz, então é preciso tentar “descobrir” algo contra sua honra pessoal mesmo sabendo que já nasceu rico e casou com mulher rica.

Na verdade, por baixo de todo esse tiro-teio, existe muito pouco moralismo e bastante apetite político de poder. Quem não tem, quer ganhar; e quem tem, não quer perder. Eis a equação. É a partir dessa guerra sucessória que a opinião pública do DF deve compreender as acusações e polêmicas que enchem os jornais, as televisões e rádios, num ritmo crescente até o pleito de outubro do ano que vem.

Até a hora em que alguém não incomoda, do ponto de vista político, a pessoa é considerada gente boa. Mas basta ter força, voto e prestígio, e começa logo a incomodar. Aí descobrem que um dia fumou maconha no colégio, que passou cheque sem fundo, que foi visto em lugar suspeito, já foi demitido de algum emprego e até contraiu blenorragia na juventude. Tudo normal. Faz parte da guerra sucessória.

CORREIO BRAZILIENSE
12 DE SETEMBRO DE 1993